

A RE-SIGNIFICAÇÃO DAS BRINCADEIRAS TRADICIONAIS E DA PRÁTICA ESPORTIVA ENTRE OS ÍNDIOS KADIWÉU

Marina Vinha

Universidade Católica Dom Bosco/MS

Resumo

Este artigo discorre sobre a reperspectivação¹ em que se encontram os índios Kadiwéu, no tocante às brincadeiras tradicionais e ao esporte. Pesquisas de campo deram ênfase à discursividade de jovens de sexo masculino, dos adultos, das lideranças e dos mais idosos, expressando-se sobre os temas em questão. Os dados foram analisados segundo a teoria da “Análise de Discurso (AD)” e a fundamentação teórica valeu-se de um tripé de conhecimentos provenientes da Educação Física e Esporte, da Antropologia e da Lingüística (AD).

Palavras-chave: jogos tradicionais; esporte; índios.

Introdução

O presente artigo consiste em uma reflexão de pontos essenciais extraídos da pesquisa *Memórias do guerreiro, sonhos de atleta: jogos tradicionais e esporte entre jovens Kadiwéu*. Este estudo foi pensado a partir de minha atuação como coordenadora do NUEEI (Núcleo de Educação Escolar Indígena) da Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso do Sul, de 1991 a 1996. Em 1997, cursando pós-graduação, foi iniciado o processo de pesquisa de campo com inserção periódica na Aldeia Bodoquena.

Os dados para análise foram sendo obtidos através do referencial teórico, da bibliografia específica sobre os Kadiwéu, acrescidos de relatos orais provenientes dos sujeitos enunciadorees.² A escolha destes foi consoante aos temas de interesse da pesquisa: brincadeiras e esporte, tendo como “pano de fundo” elementos histórico-socioculturais da memória dos mais idosos.

O suporte teórico foi sustentado no tripé de conhecimentos das áreas de Educação Física (fundamentos históricos, sociais e biológicos aplicados), Antropologia e Análise de Discurso/Lingüística. A teoria da Análise do Discurso (AD) está situada na perspectiva da análise de linguagem, caracterizada na escola de linha francesa, a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux e desenvolvidos no Brasil por Eni Pulcinelli Orlandi da Unicamp. A utilização da Análise do Discurso no presente trabalho é uma das pioneiras na área da Educação Física, Esportes e Lazer.

¹ Também utilizo o termo re-significação, isto é, o modo como são construídos outros sentidos pelo sujeito histórico, no confronto do simbólico com o político (Orlandi, 1999).

² Pessoas cujo ponto de vista será apresentado; perspectiva que os locutores constroem e de cujo ponto de vista narram, quer identificando-se ou distanciando-se dele (Brandão, 1991: 90).

Para coleta de dados orais, a referência foi a linha metodológica elaborada por Meihy (1991), segundo estudos de história oral, com especificidades para grupos indígenas. Nessa perspectiva, várias entrevistas³ foram realizadas como ‘conversas’, em que a pesquisadora mantinha mentalmente a estruturação das perguntas e, por várias vezes, a participação foi coletiva. Dois intérpretes auxiliaram na tradução dos depoimentos gravados em língua Kadiwéu, sendo uma das entrevistas realizada com tradução simultânea. As perguntas foram organizadas em consonância com os temas (brincadeiras tradicionais e esporte) e foram aplicados a jovens de sexo masculino, adultos, idosos e lideranças.

O eixo da pesquisa foi a oralidade discursiva dos informantes, sustentada pelo método da AD, a qual, abstendo-se da idéia de ‘verdade total’ sobre aquilo que foi dito, trouxe à tona o modo como aquilo estava significando nos bastidores da linguagem.

Vale observar que, neste artigo, os discursos das fontes orais foram suprimidos devido à limitação de espaço. Entretanto, eles são encontrados na íntegra, assim como as descrições das 47 brincadeiras tradicionais e a visualização das figuras, na pesquisa mencionada no início do texto.

Panorama sociocultural e histórico

Os Mbayá-Guaicuru, tronco de origem dos Kadiwéu, eram formados por vários subgrupos⁴ nômades e guerreiros, habitantes na região do Grande Chaco. No século XVI os Mbayá-Guaicuru conheceram o cavalo com os espanhóis. A inserção deste animal alterou a vida sociocultural, política e econômica do grupo e lhes valeu o reconhecimento como “índios cavaleiros” (Ribeiro, 1980).

Em um estilo de sociedade estratificada de forma étnica/social,⁵ a personalidade ideal definida pela cultura era concebida como sendo de um grande guerreiro, cujo comportamento era definido no mito⁶ de criação. Portanto, a índole guerreira não foi formada em consequência do contato com os brancos e da integração do cavalo. Esse espírito, que já estava elaborado anteriormente, foi reforçado, desenvolvido pela incorporação do cavalo e pela necessidade de impor resistência aos espanhóis invasores. Tal mito também define a diferenciação dessa sociedade, alicerça as diferenças das relações intertribais e contextualiza os não-índios (Siqueira Jr. 1993 e Shaden, 1946, citados em Vinha, 1999).

Nos dias atuais a estratificação perdura de outra maneira. As categorias de alteridade, construídas a partir das relações socio-políticas, históricas e econômicas se

³Os discursos orais que compõem o “corpus” e todas as falas, no original, estão na Dissertação de Mestrado (Vinha, 1999).

⁴ As tribos “Guaikuru” compreendiam: Abipón, Mocovi, Toba, Pilagá, Payaguá e os Mbayá (Ribeiro, 1980).

⁵ A organização social dos Mbayá-Guaicuru teria desenvolvido uma estrutura mais complexa, caracterizada pela estratificação social/étnica, formada por nobres, guerreiros e cativos (Sánchez Labrador, 1910; Rodrigues do Prado, 1951; Almeida Serra, 1866; Lévy-Strauss, 1986).

⁶ Sugestões de leitura: Schaden (1946); Boggiani (1945).

manifestam em forma de “rituais breves”, os quais marcam a iniciação das crianças e jovens e explicitam, no interior da relações sociais Kadiwéu, a importância da socialização dos mais jovens, do aprendizado das festas e rituais e seu reconhecimento na vida intercomunitária.

As comemorações são ocasiões em que ocorrem uma espécie de síntese cultural, são as “festas da cultura”, como dizem os Kadiwéu, as quais ainda mantém o caráter didático de transmissão e socialização dos mais jovens (Siqueira Jr., 1993). Recentemente, além das festas, tem havido realização de torneios esportivos – organizados por responsáveis pelo esporte e cultura – e comemorações de datas cívicas nacionais – organizadas pela escola da Aldeia.

Por vezes, foi realizado o evento esportivo em datas reservadas às festas tradicionais. Tal fato, detectado pelos mais velhos e outras pessoas da comunidade, foi comunicado às lideranças. Esse tipo de filtragem interna nem sempre é visível, mas funciona como um regulador para com as interferências externas. Entre os Kadiwéu ficou decidido que algumas comemorações seriam contempladas “meio-a-meio”, parte com esporte e outra parte com a “cultura”.

Considerações sobre as brincadeiras tradicionais

A brincadeira mais específica do Grande Chaco ficou conhecida como “chueca”. Diferentes povos indígenas brincavam usando uma raquete em forma de colher e uma bola feita de fibras vegetais e dois grupos jogando. Esse tipo de jogo foi encontrado em outras partes, a saber: na América do Norte é conhecida como “shinny” e no Chile, como “palin”.

Essa brincadeira é fortemente enraizada entre os índios Mapuche ou Araucanos, do Chile. Também guerreiros, recebiam educação tradicional no passado, estando a oratória, o culto às tradições, o respeito aos pais, o amor à terra, a prática dos jogos rituais e esportivos na base de suas formações. Eles, num processo semelhante ao dos Kadiwéu, se destacaram por sua enérgica e valente oposição à ocupação espanhola. Atualmente esses índios retomaram do passado o jogo de “palin” e o converteram em jogo nacional chileno (Olivares, 1994; e Vriessen, 1994).

Entre os Mbayá-Guaicuru havia uma grande variedade de brincadeiras, presenciadas e relatadas por Sánchez-Labrador (1910), que permaneceu entre eles em 1770, e por Boggiani (1945), que por dois períodos (1892 e 1897), permaneceu junto ao grupo. Em ambos, no período compreendido por 100 anos, foram registradas, entre outras, as brincadeiras da “peteca”, a “chueca” e as “corridas com o cavalo”.

Atualmente, entre 1997 a 1999, parte do acervo tradicional de brincadeiras mantidas na oralidade foi registrado por Vinha (1999). A organização seguiu parcialmente a proposta elaborada por Mele e Renson (1992), sendo complementada ou suprimida, segundo adaptações às especificidades do próprio grupo indígena. As três brincadeiras historicamente resistentes, como as “corridas a cavalo”,⁷ têm ocorrido

⁷ No passado todos os cavalos da tropa serviam para as corridas e todos os guerreiros eram

apenas em ocasiões especiais, devido, entre outros fatores, às mudanças do papel histórico da função do animal e às forma lúdica como são atualmente apresentadas. A brincadeira da “peteca” foi praticada durante algumas fases da pesquisa de campo, estimulados pela memória dos mais velhos, mas não está sendo usualmente praticada no período das colheitas de milho. Houve intenção em conhecer o jogo de peteca, na forma de esporte como está sendo difundido atualmente. Quanto à “chueca”, não foram observados sequer vestígios de sua prática, apenas memória.

Foram registradas 47 formas de brincadeiras, do presente e do passado, ou seja: 2 apresentando variações quanto ao uso de bola (feita com fibra vegetal ou em forma de peteca); 1 usando a forma de arremesso com cilindro de ferro (malha); 13 com uso de animal, principalmente o cavalo e, com menor frequência, o touro; 8 em forma de combate belicoso entre duplas ou coletivos; 15 com locomoção, sendo 3 na água e 12 em terra; 6 de lançar/arremessar, com uso de flecha; e 4 tipos que incluem “festas”, envolvendo pequenos ou grandes grupos.

Em sua grande maioria essas brincadeiras ocorreram no passado, estando 31 delas vivas na memória dos mais velhos. No presente, 17 delas ou são praticadas rotineiramente ou apenas em circunstâncias especiais.

Considerações sobre as práticas esportivas

O esporte, visto como fenômeno socialmente construído, tem sido analisado por pesquisadores de diversas formações. Neste artigo há uma breve teorização sobre esporte, com vistas a fundamentar alguns aspectos culturais brasileiros e as diferentes leituras sobre o mesmo, em grupos indígenas.

Inúmeras sociedades deixaram registros de atividades físicas significativas. Por exemplo: povos indígenas de diversas regiões, grandes civilizações, reinos da Europa medieval. Enfim, as sociedades contemporâneas não foram as únicas a sentirem prazer com tais atividades. Mas, embora diferenciadas de acordo com o estilo da sociedade, época, lugar, classe social, o que chama a atenção é que elas são sempre mencionadas relacionadas com à organização social (Elias, 1992: 191; Proni, 1998).

Ao longo dos últimos cinco séculos, na civilização européia, as atividades recreativas foram dando origem às competições físicas organizadas, com o desenvolvimento de modalidades diferenciadas de autocontrole das emoções⁸ e da esportivização⁹ dos passatempos das classes guerreiras.¹⁰ Processualmente,

cavaleiros (fonte oral, 1998; in Vinha, 1999).

⁸ Em diferentes sociedades, as atividades recreativas teriam a finalidade de atender às emoções, aos impulsos afetivos e instintivos, devidamente acobertados pelas relações sociais, constituindo-se em espaços socialmente aceitáveis para liberação e o exercício de autocontrole dessas emoções (Elias, 1992; Proni, 1998; citados em Vinha, 1999).

⁹ Esportivização, no âmbito do processo civilizatório, refere-se à transformação das atividades recreativas que envolvem esforço físico, em modalidades esportivas (Elias, 1992).

¹⁰ Este grupo foi o mais afetado pelas mudanças nos padrões de conduta estabelecidos pela sociedade de corte dos séculos XVII e XVIII. *A nobreza belicosa é substituída por uma nobreza domada, com emoções abrandadas, uma nobreza de corte.* Não só o processo civilizador

acompanharam as transformações socioculturais, políticas e de personalidade, principalmente do estilo guerreiro para formas socialmente mais aceitas, com regras de etiqueta convencionais para aquela sociedade. Entre meados do século XVIII e décadas iniciais do século seguinte, as atividades recreativas estiveram circunscritas às classes altas, em meados do século XIX, envolveram mais as classes médias e, posteriormente, as operárias (idem).

No Brasil, de forma geral, para falar do domínio relativo ao esporte e dentro dele o futebol, Da Matta (1982) observou distinções entre “jogar futebol” e “brincar”: “*brinca-se carnaval, mas joga-se futebol*” (p. 27). A associação entre futebol e jogo denota duas idéias que seguem juntas: primeira, a idéia de que “jogo de azar” também é marcada pela expressão “jogo”; e, segunda, o esporte é vivido e concebido como “jogo”. Portanto, embora seja uma atividade que requer táticas e técnicas, também “*depende das forças incontrolláveis da sorte e do destino*” (idem: 25).

Muitos dos comentários pós jogos traduzem o fato de que um dos times não jogou somente contra o tempo e o adversário, “*mas também contra o destino*”, observa o autor. Não por acaso a loteria esportiva, toda voltada ao futebol, “*permite atualizar as associações de um sistema de valores em que há o apelo mágico das entidades sobrenaturais das chamadas religiões afro-brasileiras e do catolicismo popular*” (ibidem: 25). Nesta associação de sorte ou de azar, que proporciona elevadas quantias em prêmios, há vários “jogos de futebol”¹¹ jogados entre o real e o imaginário da população brasileira.

Diferentemente, em sociedades da América do Norte e Europa, as duas idéias seguem separadas. Primeiro, os Estados Unidos e Inglaterra usam a expressão *gamble* para os “jogos de azar”, algo distante do significado de “esporte”, embora possa fazer parte das organizações esportivas; e segundo, a tônica da conceituação esportiva é a competição, a técnica, a força, ficando a sorte em último lugar. “*Tem tudo a ver com um realce no controle do físico e na coordenação de indivíduos para formar uma coletividade. Tudo, enfim, que conduz a uma luta pelo controle do mundo exterior ou do que vem de fora.*” (Da Matta, 1982: 25)

Com tais premissas, o autor envereda em áreas de domínio do esporte, realçando e aprofundando outros aspectos da complexidade de cada sociedade, visto que um está contido no outro, afirma ele.

O esporte na leitura de alguns grupos indígenas

A sociedade brasileira, por sua vez, vai lentamente mostrando sua diversidade, composta por uma população de estimados 206 diferentes grupos étnicos, sobreviventes a mil outros, antes da chegada dos europeus. Com cerca de 170 línguas nativas existentes, ocultadas pela falta de espaços para essa população se “significar”, já que

ocidental, mas em outros grandes processos civilizatórios uma das transições mais decisivas é de “guerreiros para cortesãos” (Elias, 1992: 215-235).

¹¹ Devido à extensão da lógica de Da Matta (1982), proponho a leitura de “Esporte na Sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro”.

muitos dos “*seus pontos de vista são tomados fora do contexto de onde vivem*” (Ricardo, 1995: 29).

Proveniente de alguns grupos étnicos brasileiros, o termo esporte tem adquirido maneiras próprias de significar. Geralmente denominados “nossos esportes tradicionais” ou “futebol dos índios”,¹² apresentam outras leituras, fundadas em diferentes valores socioculturais, ainda carentes de estudos mais aprofundados.

Para os Xavante/MT, a “corrida com toras de buriti” é considerada um “esporte tradicional”. Segundo eles, o futebol, jogo de que gostam muito, é equivalente à essa corrida, pois a bola e a tora são símbolos circulares e, nas duas atividades, a cooperação coletiva é fundamental (Brasil/MEC, 1998: 331).

Entre os índios Kadiwéu é falada a língua Kadiwéu e nela existe a palavra “na:loGo”, significando festa ou brincadeira, como sinônimos. Para a palavra jogo de futebol criaram recentemente a palavra “bo:laGa”¹³ que também é usada para “esporte”, originada da palavra “bola” (Sandaló, 1995).

Na historicidade da palavra poderia estar situada uma forma de contato com a sociedade envolvente, caracterizada pelo uso desse tipo de bola como brinquedo e pela utilização dos membros inferiores em determinadas brincadeiras. Ambas as condições, uso da bola e dos membros inferiores, não compunham o acervo de brincadeiras tradicionais do grupo ou era raro entre eles.

Na Aldeia Bodoquena foi observada a prática das modalidades esportivas de vôlei, atletismo e futebol. Fortalecendo esses interesses, foi manifestada a intenção de construção de quadras poliesportivas (vôlei e futebol de salão), além das quadras construídas informalmente ao lado da habitação de algumas famílias, como incentivo à melhoria técnica e tática. Há 5 equipes de futebol masculino e 1 equipe feminina. Entre os jovens de ambos os sexos, há em torno de 3 ou 4 grupos que treinam com técnicos diferentes.

Nos finais de semana é comum a realização de jogos entre os times da Aldeia ou a participação em torneios entre o município de Bodoquena ou fazendas circunvizinhas. Os homens possuem 2 “jogos de uniforme”, com desenhos de motivos artísticos Kadiwéu – doados por um antropólogo que os assessora. Continuamente solicitam materiais esportivos como jogo de cartões, apito, bola, chuteiras e uniformes, sendo estes os melhores presentes para os homens, envolvidos com a prática ou a organização esportiva. Simultaneamente, sinalizam a necessidade de receber estudos na área de treinamento físico, técnico e tático e de arbitragem.

Envolto em todo esse processo de receptividade para com o esporte, foi observado na discursividade dos informantes o uso das palavras “festa”, “esporte” e “brincadeira” em situações nas quais, aparentemente, elas se misturavam. Entretanto,

¹² Vários grupos indígenas praticam o futebol, participando de torneios internos e externos, e há uma Seleção Nacional de Futebol dos Povos Indígenas (Brasil/MEC, 1998: 323).

¹³ “na:loGo e bo:laGa” – a escrita das palavras iniciam com letras minúsculas. Os dois pontos indicam que a vogal ou consoante que precede os dois pontos são longas, como, por exemplo, as consoantes do italiano (“G” maiúsculo indica uma fricativa como o “r” no francês de Paris). Os dados da escrita Kadiwéu usados neste trabalho vêm de Sandaló, 1995.

em análises mais criteriosas foram percebidas distinções de significados: os mais idosos, quando fazem uso simultâneo dos termos em diferentes situações, geralmente o fazem com predominância da palavra “brincadeira”. Entre os mais jovens, praticantes do esporte e mais próximos da cultura urbano-industrial, há distinção entre o “sentimento de rivalidade”, presente junto ao desejo de ser campeão, proveniente dessas relações do contato via esporte, e o “sentimento de raiva”, originado da cultura tradicional e solucionado durante a brincadeira da “luta”,¹⁴ praticada no passado.

Considerações finais

As diferenças entre o sujeito social que é o índio e o sujeito social que é o “branco” certamente ampliam as formas de leitura do esporte. O uso dos termos, ora com significados da memória indígena, ora não, sugere uma fase de re-significação do sentido tradicional da festa e da brincadeira, e novos significados para o esporte.

O tema esporte é complexo, mesmo na sociedade envolvente. Portanto, em uma sociedade sem Estado (Kadiwéu), convivendo com sociedades-Estado, perguntas podem ser formuladas e ficam no aguardo de pesquisas mais profundas, que possibilitem uma melhor compreensão: [i] estariam os índios Kadiwéu “esportivizando” suas práticas lúdicas e/ou estariam vulneravelmente expondo-se à supremacia do esporte?; [ii] estariam simplesmente tomando conhecimento do lado prazeroso da prática esportiva e/ou da poderosa “linguagem” do mundo contemporâneo (esporte), do conhecimento do mundo dos “brancos”, fazendo dela uma forma de divulgar também sua cultura (Brasil/MEC, 1998)?

Abstract

This article talking about on the re-significance in that they meet Indian Kadiwéu, concerning the traditional games and to the sport. Field researches gave emphasis to the youths' of masculine sex orally, adults, leaderships and more seniors, self-expressing on the themes in subject. The data were analysed according to the theory of the “Analysis of Discourse (AD)” and the theoretical fundamentation was been worth of coming knowledge of the Physical Education and Sport, of the Anthropology and of Linguistic (AD).

Keywords: traditional games; sports; indians.

Referências bibliográficas

ALMEIDA SERRA, Ricardo Franco. *Parecer sobre o aldeamento dos índios uaicurús e guanás*, com a descrição dos seus usos, religião, estabilidade e costumes. 2.

¹⁴ Esse tipo de luta tem a função de socializar; mesmo com os golpes físicos desferidos em qualquer parte do corpo, é considerada uma brincadeira.

- ed. RTHG, 1866, tomo sétimo, p. 204-208.
- BOGGIANI, Guido. *Os Caduveo* (1892 e1897). São Paulo: Livraria Martins Editora, exemplar n. 33, 1945.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para as escolas indígenas* (RCNEI). Brasília: MEC/SEF,1998.
- DA MATTA, Roberto. Introdução, in: *Universo do futebol – esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982.
- ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL, 1992.
- ELIAS, Norbert. A transformação de guerreiros em cortesãos. In: *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*. 2. ed. Trad. Ruy Jungmann; Revisão e Apres. Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, vol. 2.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Caduveo. In: *Tristes trópicos*. Lisboa: Ed. 70, 1945, pp.193-241.
- MEIHY, José Carlos Sebe B. *Canto de morte Kaiowá – história oral de vida*. São Paulo: Loyola, 1991.
- MELE, Veerle van e RENSON, Roland. *Traditional games in South America*. Schorndorf: Hofmann, 1992.
- OLIVARES, Ricardo Torres. Resgate del juego del Palin. *Coletânea do II Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Ponta Grossa/PR: UEPG, 1994.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de discurso: princípios de procedimentos* Campinas: Pontes, 1999.
- PRONI, Marcelo Weishaupt. *Esporte-espetáculo e futebol-empresa*. Campinas: FEF/ Unicamp, 1998. (Tese, Doutorado em Educação Física)
- RIBEIRO, Darcy. *Kadiwéu: ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza* (1947). Petrópolis: Vozes, 1980.
- RICARDO, Carlos Alberto. “Os índios” e a sociodiversidade nativa contemporânea no Brasil. In: LOPES da SILVA & GRUPIONI (org.) *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília: MEC/MARI/Unesco, 1995.
- RODRIGUES DO PRADO, Francisco. História dos índios cavaleiros ou da Nação Guaycuru. *Revista Sociologia*, USP, n. 1, v. XIII, pp. 93-109, 1951.
- SÁNCHEZ LABRADOR, P. José. *El Paraguay católico*. Buenos Aires: Imprensa de Coni, 1910 (1770), 3 vol.
- SANDALO, Maria Filomena. *A grammar of Kadiwéu*. Pittsburg/EUA: University of Pittsburg, 1997. (Phd Dissertation)
- SHADEN, Egon. A mitologia heróica duma tribo senhorial: os Kaduveo. In: *Ensaio etno-sociológico sobre a mitologia heróica de algumas tribos indígenas do Brasil.*, Boletim LXI, São Paulo, Antropologia/USP, n.1, 1946. cap. IV.

- SIQUEIRA JR., Jaime Garcia. *Esse campo custou o sangue de nossos avós. A construção do tempo e espaço Kadiwéu*. São Paulo: USP, 1993. (Tese, Dissertação de Mestrado)
- VINHA, Marina. *Memórias do guerreiro, sonhos de atleta: jogos tradicionais e esporte entre jovens Kadiwéu*. Campinas: FEF/Unicamp, 1999. (Tese, Dissertação de Mestrado)
- VRIESSEN, Carlos López Von. La etnologia del juego aborigen em Chile. Una propuesta como nueva disciplina de la ciência de la actividad física para latinoamerica. *Coletânea* do V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Maceió/AL: Edijuí, 1997.

Marina Vinha é professora da Universidade Católica Dom Bosco/MS e mestre em Educação Física pela Unicamp.
E-mail: vinha@fef.unicamp.br

